Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

RESSONÂNCIAS EM MOVIMENTO: UMA(S) TESE(S) EM ESCRITA(S) NO(S) CAMINHO(S)[1]

RESONANCES IN MOTION: A WRITTEN THESIS(S) ON THE PATH(S)

RESONANCIAS EN MOVIMIENTO: UNA(S) TESIS(ES) POR ESCRITO(S) EN EL(LOS) CAMINO(S)

Bárbara de Mello
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

André Bocchetti
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Resumo

No meio do caminho da pesquisa de doutoramento e a ida frequente às oficinas de um projeto interinstitucional com o objetivo de nos debruçarmos à temática de "corpos avatares", há o encontro com a rua, com a universidade, coisas e seres humanos e mais que humanos. Desde então, vivemos um perder força nos temas iniciais, para deixar fluir as capturas, as coisas imprevisíveis e corriqueiras. Esses instantes, compartilhados neste ensaio em escritas e/ou fotografias colecionadas num arquivo pessoal dos deslocamentos pela cidade do Rio de Janeiro, nos convidam a um despertar político, ético e poético às paisagens e as geografias ressonantes aos estudos das corporeidades e educação.

Palavras-chave: Deslocamentos. Corporeidades. Paisagens.

Abstract

Halfway through doctoral research and frequent visits to the workshops of an interinstitutional project with the aim of focusing on the theme of "avatar bodies", there is an encounter with the street, with the university, things and human and

[1] Este texto foi desenvolvido no âmbito das investigações realizadas com o apoio FAPERJ a partir do projeto de pesquisa "(Des)montagens de um corpo: cartografando modos de existência em comunidades de educação somática", contemplado pelo Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (Proc.: E-26/200.294/2023).

MELLO, Bárbara de; BOCCHETTI, André. RESSONÂNCIAS EM MOVIMENTO: UMA(S) TESE(S) EM ESCRITA(S) NO(S) CAMINHO(S). **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-21, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

more-than-human beings. Since then, we have experienced a loss of strength in the themes of beginnings, to let the captures flow, the unpredictable and commonplace things. These moments, shared in this essay in writings and/or photographs collected in a personal archive of travel around the city of Rio de Janeiro, invite us to a political, ethical and poetic awakening to the landscapes and geographies resonant with the studies of corporeality and education.

Keywords: Displacements. Corporeities. landscapes.

Resumen

A mitad de la investigación doctoral y de las frecuentes visitas a los talleres de un proyecto interinstitucional con el objetivo de centrarse en el tema de los “cuerpos avatar”, se produce un encuentro con la calle, con la universidad, las cosas y los seres humanos y más que humanos. Desde entonces, hemos experimentado una pérdida de fuerza en los temas de los comienzos, para dejar fluir las capturas, lo impredecible y lo cotidiano. Estos momentos, compartidos en este ensayo en escritos y/o fotografías recopiladas en un archivo personal de movimientos en la ciudad de Río de Janeiro, nos invitan a un despertar político, ético y poético a los paisajes y geografías que resuenan con los estudios de la corporalidad y la educación.

Palabras clave: Desplazamientos; Corporeidades; Paisajes.

Viver com o problema

Sem pensar no problema de tese, nos momentos em percurso entre pontos a outros da cidade, no ônibus, a pé, no trem, na rua; sem procurar, encontraríamos[2] lugares de proliferar com escritas de um doutoramento. Proliferar pelas inspirações das esquinas, estradas, trilhos e vielas em passagens pela zona oeste, zona norte, centro e zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Proliferar ao longo dos caminhos não faria sentido se não houvesse a captura dos muros

[2] Este é um texto escrito entre as experiências da autora que o assina e as escritas e conversas coletivas em momentos de orientação entre ela e o coautor dessas linhas. Por isso, oscilamos aqui entre a escrita na primeira pessoa do singular, quando se trata da narrativa direta dos trânsitos vividos por ela, e no plural, quando a coletividade das reflexões entre eles levanta a possibilidade de conceituações e ideias que se entrelaçam nas próximas páginas.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

grafitados, os traços urbanos, a coreografia dos coletivos de transporte público, as conversas aleatórias-intrusivas e o acontecer dos inesperados.

Mas, nem sempre, ou, talvez, sempre, aquilo que passa por nós, aparentemente inerte, porém não inerte, parece não acontecer sempre da mesma forma, e se faz em convites às dobras dessas agências de sons, luzes e sentidos prolíferos à escrita. Trazer ao debate aquilo que pode se passar por ínfimo e corriqueiro nas engrenagens enferrujadas no corre do dia a dia se mostra com muita força nessa pesquisa tese em movimento.

Talvez, naquele tempo, dos inícios de querer perseguir um problema, não pensasse no justo problema. Talvez não fosse algo exterior. Perseguir um problema, sim! Mas, de tanto perseguir, de um lado para o outro, entre instituições escolhidas como parte da pesquisa, justo no meio, nas ranhuras, nas esquinas e hiatos, acontecimentos outros capturam. Há indícios disso, nessa construção do estar com a tese e nos deslocamentos pela cidade entre residência-trabalho-universidade.

Assumindo isso, descubro no transitar nas ruas e no transporte público paisagens colhidas no caminho e encarnadas em passagens, onde o transitar ganha um outro sentido quando corpos humanos e mais que humanos se cruzam, se colocam, se esbarram, brigam, se apaziguam e rascunham suas linhas numa geografia dançada no improviso e na malícia de quem já prevê a luta por um assento seja com as baratas ou com as goteiras peculiares nos ônibus; na fala de uma passageira na linha Pavuna-Botafogo, “depois da central, tudo muda[3]”; dos corpos precários que dançam a dança das curvas; nas árvores que passam muito rápido pela janela e se tornam uma coisa só, entre tantas coisas desapercebidas e que nos lembram que, “ao esfoliar-se, o corpo se dissolve no espaço, torna-se espaço, reemerge como espaço” (Manning, 2023, p. 106).

Das travessias circulares na cidade emergem interlocuções. Sabe lá o porquê elas fazem sentido. Fazem sentido naquele 08/05/2023, às 06:37 da manhã, talvez porque se ocupasse um corpo-espaço, como nos lembra Erin Manning (2023), no ônibus da linha 803, Merk-Senador Camará, num clima de lentidão da morosidade dos que chegam em casa e aos que saem dela. Fazem

[3] Diário de bordo, dentro do metrô, 10/05/2023

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

sentido no ônibus onde, quando as luzes se apagam, há um código entre seus tripulantes: “silêncio, dormem-se!” E qualquer coisa dita e não dita ecoa no corredor dos ouvidos atentos despidos de um fone.

As interlocuções fazem sentido antes que o sinal vermelho fique verde. Nesses momentos, aproveitar as brechas e a boa vontade do motorista em abrir a porta se tornam jogos valiosos, ainda mais quando se tem o hábito de andar por aí sempre no mesmo horário, com as mesmas pessoas, coisas e da mesma forma. Coincidência ou não, naquele exato momento, o sinal fecha justo no lugar em que se desejava ficar, e vem daí um hesitar na hora de descer nas brechas, que pode também significar andar demais. Antes da partida, uma voz se sobressai: “vamos ver se ainda conseguimos pegar esse sinal fechado... peraí motorista, vai descer”.

E, prevendo a porta se fechar, chamamos aqui para nossa conversa algumas estórias colhidas dessas passagens, como as bolsas coletoras narradas por Úrsula K. Le Guin (2001) em analogias para abrir à sensibilidade às “estórias que ninguém conta” de andanças, caminhos, onde o possível de um tempo-escrita-tese se faz muitas vezes em pé num coletivo. Trechos de beleza, coisas ínfimas e precárias para escrever com a universidade mas, também, com rua, com o transporte público, com o humano e mais que humano e todas as agências intrusivas nesses caminhos.

Essa escrita, de uma tese que se inscreve no agora, se coloca para fora dos diários e cadernos de campo, se lança nos meios antes mesmo de fechar seu fim, sem chegar às estantes de uma biblioteca. Compartilharemos aqui diários possíveis, digitados no solavanco do ônibus, diálogos intrusivos necessários para pensar a pesquisa, andanças pela cidade entre ruas e transporte público, sensações disso, pedaços de paisagens do(s) Caminho(s), onde o movimento pela e da Cidade tornou-se campo e prolifera...

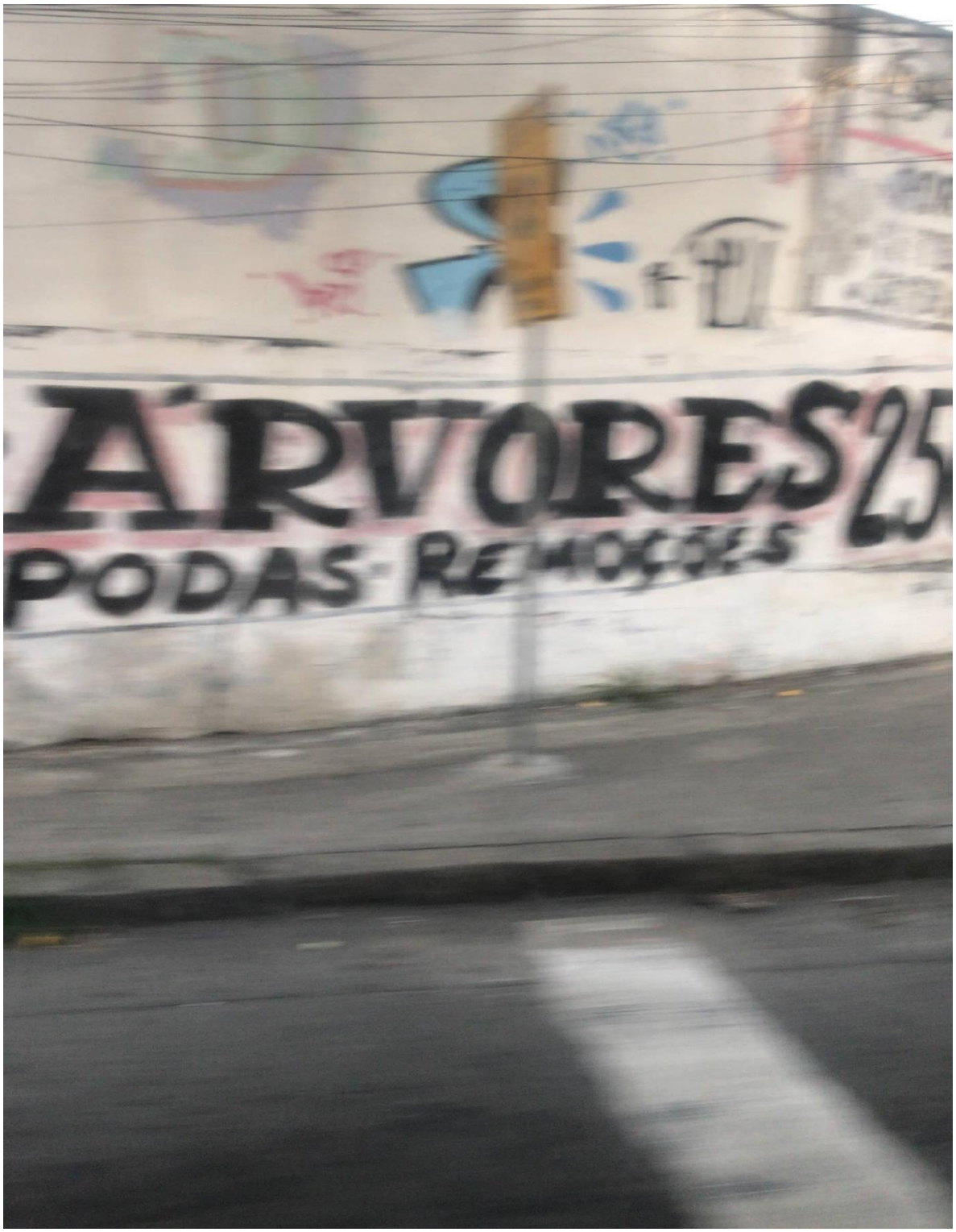
Já faz tempo eu vi você na rua[4]

[4] Como nossos pais, letra de Belchior interpretada por Elis Regina (1945-1982)

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Legenda: fotografia em movimento registrada da janela de um ônibus, de escritas em um muro, próximo a uma calçada onde há uma placa e próximo a uma rua onde há parte de uma faixa para pedestres. Fonte: arquivo pessoal.

MELLO, Bárbara de; BOCCHETTI, André. RESSONÂNCIAS EM MOVIMENTO: UMA(S) TESE(S) EM ESCRITA(S) NO(S) CAMINHO(S**)**. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-21, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Estórias de passagens...

1. Diário digitado no solavanco

Sei lá o que vai ficar. Nesse fujo - não fujo, opto por seguir o fluxo da pesquisa pulsante no dia a dia. É que quando dei por mim já estava escrevendo num dos dispositivos muito comuns a usuários de aplicativos (*app*) de troca de mensagens instantâneas, ainda que exista nele, mais do que nunca, o furto ao gesto da escrita à mão. E me perdoe Tim Ingold (2022) e toda a sua defesa em relação aos gestos da escrita à mão e à diversidade de gramatura das folhas de papel.

Numa manhã, para ser mais exata às 6:10 da manhã, dentro do ônibus, naquela penumbra entre madrugada e nascer do sol, olhei para a janela da esquerda, próxima ao banco em que estava sentada e olhei o mesmo muro com as mesmas escritas de todos os dias; nesse instante, voltei os olhares para mim mesma e pensei: o que me faz digitar coisas aleatórias em um grupo de *app* com uma única participante - nesse caso, eu mesma?

E o quê, por sinal, a escrita tem a ver com esta escrita, desta tese? Bem, falávamos de escrever ou digitar? Será que estaria aqui a propor uma discussão acerca da normativa da escrita? E se a escrita quiser ficar? Ou, será mais fácil no solavanco do transporte público usar as teclas para compor as palavras? Não sei se é mais fácil, mais difícil. Talvez não tratemos disso. Acontece que estar num metro quadrado ocupado politicamente por corpos mais ágeis e perspicazes, condiciona às mãos a operarem em outros gestos que não da escrita. Ou seriam coisas do imediatismo? Da modernidade? Deixar de lado as linhas deixadas no papel em troca dos *emojis*, correções rápidas e sugestões de palavras?

Mas, mesmo assim, ainda se encontram escritas em pedaços de papel, como quando em outro dia, num bilhete no ônibus, depositado em um dos assentos, alguém dizia que sinalizava estar preocupado com o uso frequente das mãos no celular – Tim Ingold, será você? Quem poderia ter deixado esse bilhete?

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Talvez seja alguém da área da saúde? Um especialista em mãos e suas extensões? Bem, que tenham trabalho os ortopedistas e cientistas da saúde do corpo: teclar no celular virou diário de bordo. Acontecia que a pesquisa, além da Universidade, se escrevia nos quilômetros, entre olhares, ouvidos, sons, corpos, seres, coisas depois das doses das drogas lícitas de leituras e pelas paisagens da cidade. O que faço agora? Como lidar com a curva do dedo mínimo?

2. Não se sabe quando o trem chega

Saíamos correndo, se quiséssemos pegar o trem das 11:14 ou 11:18 mais ou menos nessa hora e minutos, e se saíssemos no nosso horário; o que era raro, porque sempre havia algo a se resolver já no fim do expediente. Se atrasássemos, lamentávamos às duras penas, embaixo de sóis de 50. Ao menos, era garantido sentar nos bancos cinzas de concreto, junto ao vapor dos trilhos, às moscas e às baratas, que aguardavam o som peculiar da passagem dos vagões: pataco-pataco.

Nunca saberíamos precisar a hora do próximo, 11:30, 11:45, meio-dia. Se pegássemos o de meio dia, não daria tempo do almoço na bandejão da universidade. Talvez, não fosse para almoçar; talvez, não fosse para saber o horário certo dos trens; talvez, não fosse para subir aquela viela de caminho entre guarda-corpo, penhasco e carros; talvez, não fosse para ir até a universidade; talvez, não fosse para conseguir acessar as plataformas; talvez, não fosse para existir.

Seguir exige.

Nessas condições, de quem?

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

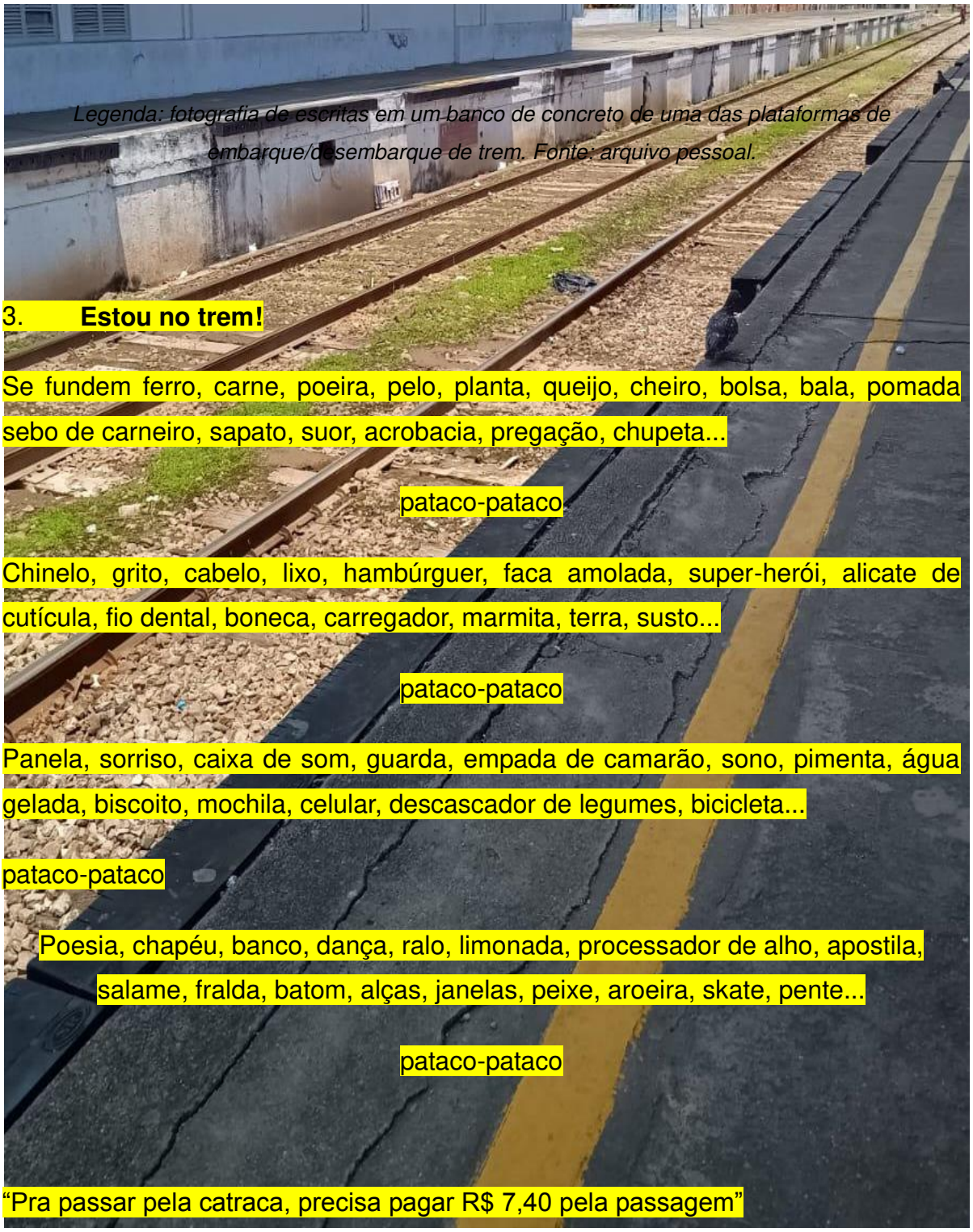
V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



REVISTA DA FUNDARTE

MELLO, Bárbara de; BOCCHETTI, André. RESSONÂNCIAS EM MOVIMENTO: UMA(S) TESE(S) EM ESCRITA(S) NO(S) CAMINHO(S**)**. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-21, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Legenda: fotografia de escritas em um banco de concreto de uma das plataformas de embarque/desembarque de trem. Fonte: arquivo pessoal.

3. **Estou no trem!**

Se fundem ferro, carne, poeira, pelo, planta, queijo, cheiro, bolsa, bala, pomada sebo de carneiro, sapato, suor, acrobacia, pregação, chupeta...

pataco-pataco

Chinelo, grito, cabelo, lixo, hambúrguer, faca amolada, super-herói, alicate de cutícula, fio dental, boneca, carregador, marmita, terra, susto...

pataco-pataco

Panela, sorriso, caixa de som, guarda, empada de camarão, sono, pimenta, água gelada, biscoito, mochila, celular, descascador de legumes, bicicleta...

pataco-pataco

Poesia, chapéu, banco, dança, ralo, limonada, processador de alho, apostila, salame, fralda, batom, alças, janelas, peixe, aroeira, skate, pente...

pataco-pataco

"Pra passar pela catraca, precisa pagar R$ 7,40 pela passagem"

"Mas quem pode pagar esse valor?" [5]

[5] Valor da passagem de trem no Rio de Janeiro em 2023, data dessa conversa. Atualmente, fevereiro de 2025, a passagem está R$ 7,60. Antes, em 2022, a passagem era R$ 5,00, que hoje se mantem para quem solicita a "tarifa social".

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Legenda: fotografia de limites entre o chão e plataformas de embarque/desembarque de trem e a área dos trilhos (arquivo pessoal)

4. Se equilibrar no guarda corpo

Subir a pé a rampa íngreme de concreto tem sido rotina entre o trabalho e a faculdade, no transitar na linha ferroviária que liga zona oeste ao centro da cidade. Aproximadamente 40 centímetros de largura deve ter o caminho estreito até o alto do viaduto, acesso às catracas das plataformas de trem. Nesse estreito, suprimem-se as passagens de corpos entre o asfalto quente da via e o penhasco dos trilhos. Enquanto isso, nas barras de guarda-corpos no alto do viaduto, equilibram-se habilidosos. Abaixo, o precipício, uns 5 metros até o chão, “se cair, morre!”, disse alguém, sem se importar, mais uma vez, mais uma vez, mais uma vez... desde os séculos passados.

5. Não deixe a mochila no chão

Na fila do ponto final da linha de ônibus 390, entre o Centro Cultural do Banco do Brasil e a igreja da Candelária, no centro do Rio, quem chegar cedo pode escolher o lugar. Mais uma vez, a perspicácia de um corpo ágil e sábio dos macetes desse coletivo prefere evitar as cadeiras gotejadas pelo ar-condicionado. Sentar-se no canto, sem goteiras, mas não sem as baratas. Ali elas habitam, na sexta fileira do lado esquerdo, entre o banco e o vidro, num submundo escondido por trás da borracha de vedação da janela.

Opto por não imaginar quantas habitam ali, mas a surpresa de um diálogo coloca as baratas como protagonistas da estória, nos fazendo reféns do seu corpo político de ocupar o espaço. Lúdicas, brincam de ziguezaguear aos nossos olhos e se escondem. Disputar o melhor assento torna-se assunto secundário diante do que parece ser uma atitude afrontosa das baratas. “Prefiro sentar na ponta, porque na ponta não há barata”, disse o passageiro do banco ao lado, transbordando

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

didática e comentários à fúria do passageiro à frente, que chutou a parede do ônibus na tentativa de acabar com o inseto morador das janelas.

E a barata, escapando de um possível golpe fatal, à lembrança de Gregório Sams, em Kafka (2021) – que ao supor ser golpeado pela bengala de seu pai teme a sua própria vida de inseto –, fugiu deixando seu rival atormentado, sem conseguir sentar-se ao banco cativo do artrópode. Diante do homem derrotado pelo inseto, o senhor continuou a prosa e explicou sobre a cartografia das baratas, "elas viajam para outros lugares, casas alheias, nas roupas e mochilas das pessoas passageiras". Comento, elas devem ir para muitos lugares então. Mas logo sou retrucada com sua exclamação tão furiosa quanto o passageiro perdedor: "viajam sem pagar passagem!". E garante identificar qualquer barata estranha que não seja as comuns avistadas em sua casa.

Indignado pelo banco vazio diante de pessoas em pé e ocupado pelo inseto, se inscreve a regra do coletivo: ele era delas, só delas, das goteiras e da barata. Todo o resto era compostagem humana; para assim dizer com Haraway (2023. p. 62), "o humano como húmus tem potencial". Em que momento os humanos deixaram de ser fluídos, água, oxigênio e todo o universo biótico natural para se tornar apenas um ser-indivíduo-pensante que agride baratas dentro de um ônibus para disputar um assento? Há contraponto. Thimoty Morton (2023a) anuncia que "não somos totalmente humanos". Quanto ao homem, pensando com a perspicácia da barata, "sua estupidez não lhe deixa ver"[6] a sua narcísica forma colonizadora de existir em meio às multiespécies. Que barata não gostaria de morar num ônibus?

Seguimos, cansados, porém sentados, o senhor, a barata e eu. Se achava que seguiria ilesa, a alguns quilômetros à frente, enquanto equilibrava-se por todas as curvas da serra Grajaú-Jacarepaguá, agora compadeço da mesma fúria daquele derrotado pela barata. No meu caso, porém, pelas goteiras: a gente não tem paz nem no ônibus. Os pingos caiam no meu corpo cansado. Chovia lá fora, então me conformei em estar molhada. Outro dia ouvi que estava "tudo bem suportar pingos, mas cachoeira na cabeça ninguém suporta", falava alguém ao mesmo tempo que abria o guarda-chuva dentro do ônibus.

[6] Sua estupidez, composição de Erasmo e Roberto Carlos

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Olho para o alto, na tentativa de elevar os pensamentos e descansar os olhos das teclas escritas, e lá estão elas: as gotas caem do buraco no teto e desenham a geografia do coletivo. Pergunto: por que as goteiras e a chuva incomodavam a tal ponto de fazer escrevê-las aqui? Aglutinam-nos pela nossa conexão de encontrar caminhos nessa precariedade das vidas. Já não sou meu corpo, me torno goteira a partir do momento em que ela tenta furtar meu lugar na lata cheia, apertada como a sardinha póstuma nas prateleiras de supermercado. Decido ficar molhada, e então nos tornamos um único corpo montado nesse coletivo. Entre fugir e abrir o guarda-chuva, ficamos corpo-goteira.

Por um instante, lembro das aulas de física: dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, "como na física newtoniana (a realização moderna do sonho democriteano de átomo e vazio) (Barad, 2007. p. 26). Diria isso Isaac Newton (1643-1727) com o princípio da impenetrabilidade da matéria, ao se ver corpo-goteira? O que diria Newton? Não lembro de goteiras e baratas ocuparem ônibus nas aulas de ciências, ainda que elas pudessem dizer muito sobre as leis da física.

6. **"Deveria experimentar os amarelos, são muito melhores que os azuis."**[7]

"Dê um copo de água para um cachorro e ele será seu amigo, dê um prato de comida a um ser humano e ele na primeira oportunidade vira as costas para você", disse enquanto passava a mão nos cabelos de uma passageira, fios espremidos entre suas mãos e a barra de ferro do ônibus azul. Em pé, encurralada entre bolsas, outros corpos, teto, chão, bancos e janelas abertas para horizontes distantes na passagem de uma ponta do túnel a outra, declamou sabedorias de quem dizia ser mãe de muitos filhos, trabalhadora e avó, durante um pouco mais de vinte minutos entre o acesso 1B e saída 9 da *yellow line*. Não gostava de animais, mas sabia conviver muito bem com os gatos, cachorros e galinhas; estes não lhe causavam decepções, disse com muitos gestos e viradas de olhos a todo momento que falava de cada desafeto da vida.

[7] Referência a antiga e nova cor do BRT

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Com amargores daquele homem, seu patrão acamado, capaz de descontar seu dia de ausência por ir ao médico, lamentava por nunca ter faltado ao trabalho, se orgulhava de sair às 4 horas da manhã e atravessar quilômetros de estrada todos os dias, desabafava que morar na Região dos Lagos não era seu sonho e que, apesar de dormir em seu trabalho quase todos os dias, aguardava ansiosa seus ônibus para voltar para casa: “essa semana, só encontrei mentiroso”.

Enquanto isso, outro andava, andava, com olhares tristes, à procura de alguém, um familiar, talvez? Pelo rastro do seu olfato tão bem desenvolvido, a cada atenção, mostrava em seu rabo a alegria do contato, membros cansados e machucados de andar, procurava abrigo, sorte de quem tinha um lar, mesmo na rua, encontrasse um alguém para acompanhar com confiança. Não era mentiroso e muito menos ingrato, todos e todas reconheciam isso pelo seu olhar.

7. **Catracas torniquetes**

Outro dia, estava cantarolando *Trem das Onze*[8], uma composição antiga, do século passado, um samba popularmente conhecido. As preocupações do protagonista, de perder o horário do último trem e de precisar cumprir suas obrigações em sua casa, interrompem o gozo e o desejo de viver mais tempo um amor. Esses atravessamentos pelas instituições forjadas na modernidade se tornam alegorias iniciais e ainda atuais para escrutinar as fronteiras de deixar morrer e deixar viver (Povinelli, 2023, p.12-21), muito comuns a essas engendras.

Compadecida dessas angústias, de quem teme perder o trem e atravessada pelas instituições, convido também o trem para a conversa, para além do ato de passar pela catraca, nesse transitar de transporte público de uma pesquisa de doutoramento. Contar o ínfimo, aquilo que talvez passasse como ações corriqueiras, desimportantes a fim de pesquisa, se mostra prolífico e interessante quando percebo que para acessar instituições relacionadas à própria pesquisa preciso transitar por muitos bairros desde a zona oeste, zona norte, centro e zona sul da cidade do Rio de Janeiro, entre percursos a pé, trem, metrô e ônibus, que convidaram a escrever com muitos mundos.

[8] Composição de Adoniram Barbosa (1964)

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Antes de Elizabeth Povinelli (2023; 2024), então, talvez nos valha lembrar Rosi Braidotti (2015; 2022). Durante uma disciplina eletiva chamada “Pós-Humanismos e novas materialidades”, a ideia de “multitude” (idem) despertou um certo frenesi nisso que chamamos aqui de escrever com muitos mundos. A autora descentraliza as apostas em ideias universais, epistemologias soberanas, e propõe cultivar pluralidades de produção de conhecimento em diálogo com o ecofeminismo e os saberes ancestrais, para além do previamente dado pelo antropocentrismo, que ganhou força com a modernidade.

Ainda em Braidotti (2015; 2022), que também traz ponderações relacionadas ao deixar morrer e deixar viver, operacionalizadas pela bio e necropolítica (Mbembe apud Braidotti, 2015. p. 106 – 134), propomos um olhar minucioso para acontecimentos marginais às catracas, mas que não deixam de se relacionar com elas. *Não saber quando o trem chega* e *se equilibrar no guarda corpo do viaduto*, entre essas outras estórias trazidas de diários de bordo, são alguns dos afetos do caminho, onde ressoam as agências da exploração das materialidades existentes, inclusive a humana e mais-que-humanas em cenários caóticos das viagens de trem entre quilômetros de distância.

As catracas são dispositivos de controle de acesso às plataformas de trem e, em sua maioria, no Rio de Janeiro, são as ditas “catracas-torniquete”, que tiram a chance de qualquer possibilidade de passagem por elas que não seja pelo viés do pagamento, de valor criticado pela população, que em grande parte reside às margens das linhas nos subúrbios e periferias da zona norte a zona oeste, zonas mais populosas da cidade - e que não gozam de linhas de metrô - como a zona sul e o centro do Rio.

São cinco ramais e 3 extensões, que passam também por outros municípios no estado, grande parte na baixada fluminense. Todos os ramais se confluem na Central do Brasil, antiga estação Dom Pedro II e, que desde a inauguração da linha férrea, multiplica desastres contados pelas perspectivas dos jornais. Números que não se comparam ao metrô, de inauguração bem mais recente. Ainda que nas páginas da empresa ferroviária que administra os trens no Rio se publiquem a quantidade de vezes de ingressos de passageiros às plataformas por meio da catraca, será que se totalizam a quantidade real dos usuários de trem? Caso não, para onde vão os números que não entram nesse sistema?

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Números e dados que tanto falam, que tantas realidades inventam, se compõem nas margens e nos trilhos dos trens. Geografias se compõem nas existências de corpos que caem, corpos que passam, corpos que brincam, corpos que habitam e, por vezes, viram pó e poeira junto a terra e a fuligem. Margens e corpos são invisibilidades no linear e contínuo das linhas que cortam com o aço e a modernidade, mas seguem, sem parar. Corpos à margem, precarizados, jogados à deriva, desde o extermínio em massa dos povos originários e dos que aqui chegaram sequestrados, e que secularmente perpetuam as relações de poder capitalista na operação do que Elizabeth Povinelli (2023) vai chamar de "liberalismo tardio" (p.6): a catástrofe já acontece há muito tempo junto ao progresso e a modernidade, e de múltiplos modos cruéis, a depender dos recortes geográficos, raciais e sociais.

"E quem pode pagar R$7,40?" Indignada, reclama uma das passageiras rumo à Central do Brasil, enquanto outras entram por brechas perigosas na tentativa de acessar a esse dito progresso, que é a locomoção de trem, onde as catracas parecem operar como dispositivos fronteiriços para além da biopolítica foucaultiana, das relações de governança. É questão que alcança o "geontopoder" de Povinelli (2023), esse "modo de gerir o mercado e as diferenças que se fundamenta na separação entre Vida e Não Vida, ou entre o vivo e o inerte" (idem, p.2), e que tem impacto diretamente na expropriação de territórios e meio ambiente.

Nesse sentido, com críticas as perspectivas vitalistas, Braidotti (2015; 2022) e Povinelli (2023; 2024) colocam mais camadas à ideia de pluralidade, relacionalidade e entrelaçamentos nas existências, já que para além disso, dizem elas, é preciso reconhecer as relações de poder operadas no capitalismo e no perigo de conceituações provenientes do próprio pós-humanismo, como o *antropoceno* e toda a sua dramaticidade e a separação de humano - não humano, vivo e morto, entre outras, capturadas e ao mesmo tempo promotoras do terror da catástrofe e do fim do mundo. Vender a vida e formas de viver e existir diante do caos moderno se compõe de formas diferentes, a depender das relações de poder nos emaranhados, pois os que neles se entrelaçam "têm poderes diferentes para afetar o fluxo das forças", já que "a natureza de um evento em uma região de entrelaçamento parece muito diferente da de outra região", (Povinelli, 2024, p.29).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Às custas de não saber quando o trem chega e se equilibrar no guarda-corpo, aqueles (as) em trânsito vivem o desespero e o caos, enquanto “aqueles que detêm os recursos podem proteger seus corpos e seus ambientes das rachaduras, controlando a direção e a força da violência lenta em várias regiões de entrelaçamento” (Povinelli, 2024, p.30). Incertezas e inseguranças, nesses emaranhados de existências e poderes, trazem pontos de atenção às reflexões pós-humanistas que alimentam esta pesquisa, sobretudo no que se refere às conceituações binárias e duais gozadas no e pelo capitalismo colonizador.

Caminhe e pare sempre que não puder: algumas escritas para não ter fim ou ter fim, se for esse o convite

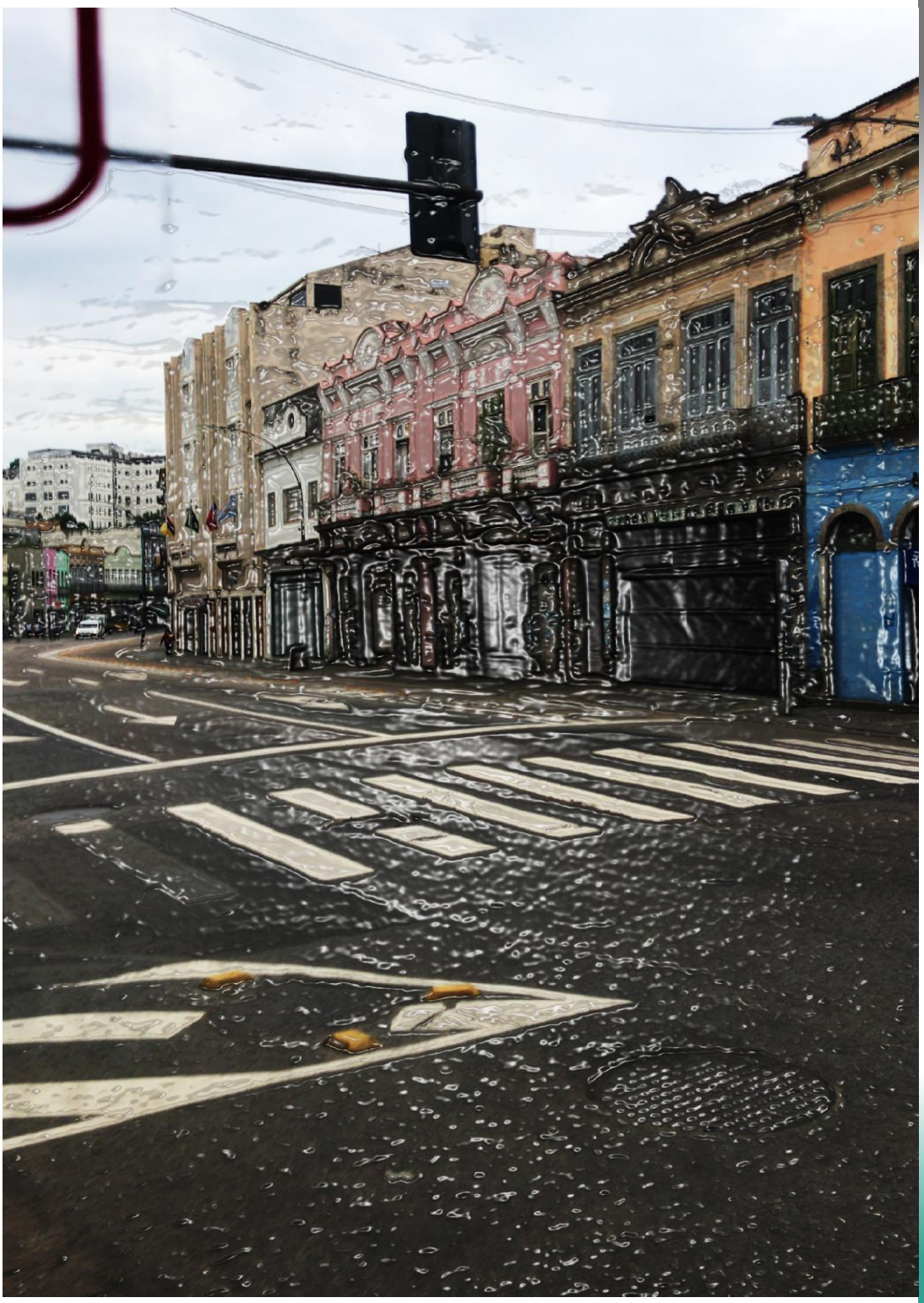
Seguimos nessa tese em escrita entre paisagens coletadas em sentidos e imagens das coisas ditas ínfimas. Coisas e seres humanos e mais que humanos. Intrusos em suas agências, colocam em xeque certezas das lógicas cartesianas do que à princípio teríamos como ideias para resolver um problema de tese. A rua e os deslocamentos de transporte público, em alguns trechos da cidade do Rio de Janeiro, desde a zona oeste a zona sul, capturam e capturam-nos em corpos-espaços onde fronteiras se encontram e se dissipam, fazendo de um instante de passagem um caos ético, político e poético para pensar a educação para além das instituições e dos conhecimentos postos por meio delas.

Essa tese, em escrita, se coloca ao mundo, em via de mão dupla, e se prolifera. Um convite a atentar às belezas e às precariedades nas brechas desses caminhos. Autores e autoras dos estudos das materialidades, corporeidades e educação, apresentados ao longo do texto, seguem contribuindo para pensarmos em modos outros as relações e existências, com ênfase crítica às engendras do capitalismo. É nesse sentido que talvez possamos tomar estas provocações em trânsito: como elementos para abrir à potência criativa que, para além dos espaços acadêmicos, ainda que com eles, inventa em suas minúcias outras formas de ver

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

os mundos, e talvez de deixá-los transitar e afetar aquilo que somos capazes de pensar.



V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Legenda: fotografia de paisagem composta por prédios antigos, carros, chão e demarcações de sinais de trânsito na região centro do Rio de Janeiro (arquivo pessoal).

Referência:

BRAIDOTTI, Rosi. **Lo posthumano**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2015.

BRAIDOTTI, Rosi. **Feminismo posthumano**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2022.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução Ana Luiza Braga. N-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. **Linhas**: uma breve história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Versão Brasileira Edições. 2021.

Le GUIN, Úrsula K. **A teoria da bolsa da ficção científica**. Tradução: Luciana Chieregati e Vivian Chieregati. São Paulo: N-1 edições, 2021.

MANNING, Erin. **Políticas do toque:** sentidos, movimento e soberania. São Paulo: Glac Edições, 2023.

MORTON, Timothy. **E se você estiver vivendo uma era de extinção massa?** In: _____. Ser ecológico. São Paulo: Quina Editora, 2023.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

POVINELLI, Elizabeth. **Geontologias**: um réquiem para o liberalismo tardio. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

POVINELLI, Elizabeth. **Catástrofe ancestral**: existências no liberalismo tardio. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

Recebido em: 07/04/2025.
Aceito em: 04/06/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Bárbara de Mello
Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Centro de Referência em Educação Infantil de Realengo (CREIR) – Colégio Pedro II; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ), com orientação do prof. Dr. André Bocchetti e Mestra em Educação pelo mesmo PPG; Especialista em Docência na Educação Infantil - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo orientada pela prof. Dra. Daniela de Oliveira Guimarães. Pedagoga com Licenciatura Plena - Universidade Estácio de Sá (UNESA). Possui curso de aprofundamento na Abordagem Pikler pela Rede Pikler Brasil-França, onde fez imersão em creche pública na zona periférica de Paris (2018). Atuou como agente auxiliar de creche e professora de educação infantil em creches municipais da cidade do Rio de Janeiro (2008 – 2019). Integra o CorPes - Zona de Estudos e Pesquisas em Corporeidades e Pedagogias Sensíveis e o LEQUE - laboratório de Estudos Queer em Educação. Tem experiência na área de Educação, em especial na Educação Infantil e se interessa por temas relacionados a educação; educação infantil; corporeidades e suas relações; estudos das materialidades e educação; formação de professores.
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-2157-5265
E-mail: barbarademello84@gmail.com

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

André Bocchetti
Professor Associado da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o CorPes - Zona de Estudos e Pesquisas em Corporeidades e Pedagogias Sensíveis, grupo de pesquisa voltado para as interfaces entre corporeidades, pesquisa-criação e educação. É membro do comitê internacional da Red Lationamericana de Investigadores(as) de y desde los Cuerpos en las Culturas e da Red Latinoamericana Filosofía en Contextos Plurales. Em 2024, foi pesquisador visitante na Faculty of Fine Arts da Concordia University, em Montreal, Canadá, desenvolvendo pesquisa dedicada ao tema do corpo e suas materialidades. É Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9773-4734
E-mail: andreb.ufrj@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

MELLO, Bárbara de; BOCCHETTI, André. RESSONÂNCIAS EM MOVIMENTO: UMA(S) TESE(S) EM ESCRITA(S) NO(S) CAMINHO(S**)**. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-21, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE